

INSTITUTO SUPERIOR DE CONTABILIDADE E ADMINISTRAÇÃO DO PORTO

Cinderela

Conto de fadas ou realidade cultural?

Clara Sarmento

Estudos Interculturais

Cristiana Filipa Fernandes da Silva

2140263

Índice

Introdução.....	- 2 -
A História da Cinderela de Jacob e Wilhelm Grimm	- 3 -
Contextualização histórica	- 8 -
A influência do conto no mundo infantil	- 10 -
O Papel da Censura	- 13 -
Relações de poder e estereótipos.....	- 15 -
A interculturalidade em “Cinderela”	- 17 -
Conclusão	- 18 -
Referências Bibliográficas	- 19 -
Outros links utilizados:	- 20 -

Introdução

Com o presente trabalho pretendo analisar o conto da *Gata Borralheira*, de acordo com os conteúdos lecionados na disciplina de Estudos Interculturais.

A escolha do tema para este trabalho não teve um fator condicionante ou relevante, porém, para mim, este conto sempre foi atrativo. Ao reler a história, percebi que podia enquadrá-la perfeitamente naquilo que me foi outorgado. Desta maneira, a decisão foi rápida, embora soubesse perfeitamente que não seria fácil fazer a pesquisa onde assentar as minhas opiniões ou afirmações.

Com isto, pretendo, então, falar das estruturas de pensamento que existiam quando o conto foi escrito, contextualizando-o devidamente. Também pretendo enquadrá-lo na cultura folclore, visto que ao ser uma história infantil que já existe há muito tempo, sendo criada completamente pelo povo e para uso deste, encaixa-se nesta categoria.

Assim, sabendo ainda que o conto da *Gata Borralheira*, onde o personagem principal dá pelo nome de “Cinderela”, tem várias versões, aquela que será analisada é a dos Irmãos Grimm, escrita na Alemanha, no séc. XIX.

A História da Cinderela de Jacob e Wilhelm Grimm

*E*ra uma vez um homem muito rico, cuja mulher adoeceu. Esta, quando sentiu o fim aproximar-se, chamou a sua única filha à cabeceira e disse-lhe com muito amor:

- Amada filha, continua sempre boa e piedosa. O amor de Deus há de acompanhar-te sempre. Lá do céu velarei por ti.

E dito isto, fechou os olhos e morreu. A menina ia todos os dias para junto do túmulo da mãe chorar e regar a terra com suas lágrimas. E continuou boa e piedosa. Quando o inverno chegou, a neve fria e gelada cobriu o túmulo com um manto branco de neve. Quando o sol da primavera o derreteu, o seu pai casou-se com uma mulher ambiciosa e cruel que já tinha duas filhas parecidas com ela em tudo. Mal se cruzou com elas a pobre rapariga percebeu que nada de bom podia esperar delas, pois logo que a viram disseram-lhe com desprezo:

- O que é que esta gansa tola faz aqui? Vai para a cozinha, que é lá o teu lugar!

E a madrasta acrescentou:

- Têm razão, filhas. Quem quer pão, que faça por ganhá-lo. Fora daqui com a servente da cozinha!

Vestiram-lhe um avental muito velho e deram-lhe socas de madeira para calçar.

- Olhem só para a princesinha altiva, que janota que ela está! - *Disseram elas, rindo.*

E, a partir desse dia, a menina passou a trabalhar arduamente, desde que o sol nascia até altas horas da noite: ia buscar água ao poço, acendia a lareira, cozinhava, lavava a roupa, costurava, esfregava o chão...

À noite, extenuada de trabalho, não tinha uma cama para descansar. Deitava-se perto da lareira, junto ao borralho (cinzas), andando sempre suja e cheia de pó. Por isso, as outras passaram a chamar-lhe de Cinderela.

Os dias se passavam e a sorte da menina não se alterava. Pelo contrário, as exigências da madrasta e das suas filhas eram cada vez maiores. Um dia, o pai ia à cidade, perguntou às duas enteadas o que queriam que ele lhes trouxesse.

- Belas roupas - *Disse uma.*

- Pérolas e pedras preciosas - *Disse a outra.*

- E tu, Cinderela, o que queres? - *Perguntou-lhe o pai.*

- Pai, o primeiro ramo que vos acertar no chapéu no regresso a casa, arrancai-o e trazei-mo.

Terminada a compra, no caminho de regresso, cavalgando por um arvoredo, cortou para a filha um ramo da primeira árvore que encontrou. De uma Avelaneira. Ao chegar a casa, deu às enteadas o que lhe tinham pedido e entregou à filha um ramo de avelaneira. Ela agradeceu, correu para junto do túmulo da mãe,

enterrou o ramo na terra e chorou tanto que as lágrimas o regaram. O ramo começou a crescer e tornou-se uma bela árvore. A menina continuou a visitar o túmulo da mãe todos os dias e certa vez ouviu uma bonita pomba branca dizer-lhe:

- Não chores mais, minha querida. Lembra-te que, a partir de agora, cumprirei todos os teus desejos.

Pouco depois o rei anunciou a todo o reino que ia dar uma grande festa durante três dias para a qual estavam convidadas todas as donzelas do reino, a fim de que o príncipe herdeiro pudesse escolher a sua futura esposa. Imediatamente as duas filhas da madrasta chamaram Cinderela e disseram-lhe:

- Penteia-nos e veste-nos, pois temos que ir ao baile do príncipe para que ele possa escolher qual de nós duas será a sua esposa.

A Cinderela obedeceu humildemente. Mas quando viu as duas luxuosamente vestidas, desatou a chorar e suplicou à madrasta que também a deixasse ir ao baile.

- Ao baile, tu? - *Respondeu ela* - Já te olhaste ao espelho?

A madrasta, face à insistência da Cinderela, acrescentou, ao mesmo tempo que atirava um pote de lentilhas para as cinzas:

- Está bem! Se separares as lentilhas em duas horas, irás connosco.

A menina saiu para o jardim a chorar e lembrando-se do que a pomba lhe tinha dito, expressou o seu primeiro desejo:

- Dócil pombinha, rolinhas e todos os passarinhos do céu, venham ajudar-me a separar as lentilhas.

- Os grãos bons no prato e os maus no papo.

Duas pombinhas brancas, seguidas de duas rolinhas e de uma nuvem de passarinhos entraram pela janela da cozinha e começaram a bicar as lentilhas. E muito antes de terminarem as duas horas concedidas, separaram as lentilhas. Entusiasmada, a menina foi mostrar à madrasta o prato com as lentilhas escolhidas.

- Muito bem. – *Disse a madrasta, com ironia* - Mas que vestido vais usar? E além disso, tu não sabes, dançar. Será melhor ficares em casa.

Desconsolada, a Cinderela começou a chorar, ajoelhou-se aos pés da madrasta e voltou a suplicar-lhe que a deixasse ir ao baile.

- Está bem. - *Disse ela com cinismo* - Dou-te outra oportunidade.

E voltou a espalhar dois potes de lentilhas sobre as cinzas.

- Se conseguires escolher as lentilhas numa hora, irás ao baile.

A doce menina saiu a correr para o jardim e gritou:

- Dóceis pombinhos, rolinhas e todos os passarinhos do céu, venham ajudar-me a separar as lentilhas.

- Os grãos bons no prato e os ruins no papo.

De novo, duas pombas brancas entraram pela janela da cozinha, depois as pequenas rolas e um bando de passarinhos, e pic-pic-pic escolheram-nas e voaram para sair por onde entraram. A menina logo correu e mostrou à madrastra as lentilhas escolhidas, mas de nada lhe serviu.

- Deixa-me em paz com as tuas lentilhas! Vais ficar em casa e pronto! Ponto final! Serias a nossa vergonha!

Virou-lhe as costas e chamou as filhas.

Quando já não havia ninguém em casa, Cinderela foi junto ao túmulo da mãe, debaixo da avelaneira e gritou:

- Arvorezinha. Toca a abanar e a sacudir. Atira ouro e prata para eu me vestir.

A pomba que lhe tinha oferecido ajuda, apareceu sobre um ramo e, estendendo as asas, transformou os seus farrapos num lindíssimo vestido de baile e as suas socas em luxuosos sapatos bordados a ouro e prata. Quando entrou no salão de baile, todos os presentes se admiraram perante tamanha beleza. Mas as mais surpreendidas foram as duas filhas da madrastra que estavam convencidas que seriam as mais belas da festa. Porém, nem elas, nem a madrastra ou o pai reconheceram a Cinderela. O príncipe ficou fascinado ao vê-la. Tomou-a pela mão e os dois começaram o baile. Durante toda a noite esteve ao seu lado e não permitiu que mais ninguém dançasse com ela.

Ela dançou toda a noite e depois quis ir para casa. Mas o príncipe disse:

- Eu vou contigo e acompanho-te.

O que o príncipe na realidade queria saber era a quem ela pertencia. Mas ela escapou-lhe e saltou para dentro do pombal. O príncipe ficou à espera até o pai chegar e explicou-lhe então que a menina desconhecida saltara para dentro do pombal. O pai foi buscar então o machado e uma picareta para que ele partisse o pombal a meio – mas não estava ninguém lá dentro.

Cinderela já tinha vestido as suas roupas sujas e, como de costume, estava deitada junto à chaminé, dormindo. Ela tinha saltado rapidamente das traseiras do pombal e corra para a avelaneira, depositando lá as suas lindas roupas, para a pomba levar. No dia seguinte, quando se aproximou a hora do início do segundo baile, esperou até ouvir partir a carruagem e correu para junto da árvore:

- Arvorezinha. Toca a abanar e a sacudir. Atira ouro e prata para me vestir.

E de novo apareceu a pomba e a vestiu com um vestido ainda mais lindo que o da noite anterior e calçou-lhe uns sapatos que pareciam de ouro puro. A sua aparição no palácio causou sensação maior ainda do que da primeira vez. O próprio príncipe, que a esperava impaciente, sentiu-se ainda mais deslumbrado. Pegou-lhe na mão e, de novo, dançou com ela toda a noite.

- Este é o meu par. – *Afirmava a quem tentava convidá-la para dançar.*

Ao chegar a hora da despedida, o príncipe voltou a oferecer-se para acompanhá-la, pois queria ver para que casa ela ia.

Mas ela escapou-se-lhe e correu para o jardim atrás da casa. Havia lá uma árvore alta e bela, carregada de peras esplêndidas. Ágil como um esquilo, Cinderela trepou pelos ramos acima e o príncipe ficou sem saber para onde ela tinha ido. Esperou que o pai chegasse e disse-lhe:

- A menina com quem dancei escapou-se-me e eu acho que ela subiu para a pereira.

O pai pediu então um machado, com que deitou a árvore abaixo, mas não estava lá ninguém. Quando entraram em casa, ela já tinha tirado as vestes faustosas e posto os seus trapos velhos, devolvendo-as à avelaneira. No terceiro dia, quando o pai fustigou o cavalo e a carruagem se afastou com a sua esposa e filhas, a menina aproximou-se de novo da árvore e disse:

- Arvorezinha. Toca a abanar e a sacudir. Atira ouro e prata para me vestir.

E a pomba, uma vez mais, trouxe-lhe um vestido de sonho, de seda, e uns sapatos bordados a ouro para os seus pequeninos e delicados pés. E depois, colocou-lhe sobre os ombros uma capa de veludo dourado.

Quando entrou no salão de baile, a belíssima Cinderela foi recebida com uma exclamação de assombro por parte de todos os presentes. O príncipe apressou-se a beijar-lhe a mão e a abrir o baile, não se separando dela toda a noite. Pouco antes da meia-noite, a jovem despediu-se do príncipe, mas este queria acompanhá-la. No entanto, ela escapou muito depressa e pôs-se a correr. O príncipe não conseguiu alcançá-la, mas, usando uma artimanha, um dos sapatos de Cinderela ficou preso nas escadas. Deixando-o para trás, o príncipe encontrou-o, apanhou-o e apertou-o contra o coração.

Na manhã seguinte, mandou os seus mensageiros difundirem por todo o reino que se casaria com aquela que conseguisse calçar o precioso sapato. Depois de todas as princesas, duquesas e condessas o terem inutilmente experimentado, ordenou aos seus emissários que o sapato fosse provado por todas as jovens, qualquer que fosse a sua condição social e financeira. Quando chegaram à casa onde vivia a Cinderela, a irmã mais velha insistiu que devia ser ela a primeira a experimentar e, acompanhada pela mãe que já a imaginava rainha, subiu ao quarto, convencida que lhe servia. Mas o seu pé era demasiado grande. Então a mãe, furiosa, obrigou-a a calçá-lo à força, dizendo-lhe:

- Embora te aperte agora, não te preocupes. Pensa que em breve serás rainha e não terás que andar a pé nunca mais.

A jovem disfarçou a dor que sentia e subiu para a carruagem, apresentando-se diante do filho do rei, que teve que considerá-la como sua prometida. Montou-a no seu cavalo e foram juntos dar um passeio. Mas, ao passar diante de uma frondosa árvore, viu sobre os seus ramos duas pombas brancas que o advertiram:

- Olha para o pé da donzela e verás que o sapato não é dela...

O príncipe desmontou e tirou-lhe o sapato. E ao ver como o pé estava roxo e inchado, percebeu que tinha sido enganado. Voltou à casa e ordenou que a outra irmã experimentasse o sapato. A irmã mais nova subiu ao quarto, acompanhada da mãe e tentou calçá-lo. Mas o seu pé também era demasiado grande. E a mãe obrigou-a a calçá-lo à força, dizendo-lhe:

- Embora te aperte agora, não te preocupes. Pensa que em breve serás rainha e não terás que andar a pé nunca mais.

A filha obedeceu, enfiou o pé no sapato e, dissimulando a dor, apresentou-se ao príncipe que teve que considerá-la como sua prometida. Montou-a no seu cavalo e levou-a a passear pelo mesmo sítio onde levava a sua irmã. Ao passar diante da árvore onde estavam as duas pombas, ouviu-as de novo adverti-lo:

- Olha para o pé da donzela, e verás que o sapato não é dela...

O príncipe tirou-lhe o sapato e ao ver que tinha o pé ainda mais inchado que a irmã, percebeu que também ela o tinha enganado.

- Aqui vos trago esta impostora. E dai graças a Deus por não ordenar que sejam castigadas. Mas se ainda tendes outra filha, estou disposto a dar-vos nova oportunidade e eu mesmo lhe calçarei o sapato.

- Não. Não temos mais filhas - disse a madrasta.

Mas o pai acrescentou:

- Bem, a verdade é que tenho uma filha do meu primeiro casamento. É ela que faz a limpeza da casa e por isso anda sempre suja. É a Cinderela.

- Tragam-na à minha presença. Eu mesmo lho calçarei.

Cinderela tirou uma das pesadas socas e calçou o sapato sem o menor esforço. Coube-lhe perfeitamente. O príncipe, maravilhado, olhou bem para ela e reconheceu a formosa donzela com quem tinha dançado.

- A minha amada desconhecida! - Exclamou ele - Só tu serás minha dona e senhora. *O príncipe, radiante de felicidade, sentou-a ao seu lado no cavalo e tomou o mesmo caminho por onde tinha ido com as duas impostoras. Pouco depois, ao aproximar-se da árvore onde estavam as pombas, ouviu-as dizer:*

- Continua, Príncipe, a tua cavalgada, pois a dona do sapato já foi encontrada.

As pombas pousaram sobre os ombros da jovem e os seus farrapos transformaram-se no deslumbrante vestido que ela tinha levado ao último baile. Chegaram ao palácio e de imediato foi celebrado o casamento. Quando os habitantes do reino souberam da forma como o malvado e desnaturado pai, a madrasta e as duas filhas tinham tratado aquela que agora era a sua adorada princesa, começaram a desprezá-los de tal modo que eles tiveram que abandonar o país. A princesa, fiel à promessa feita à mãe, continuou a ser piedosa e bondosa como sempre e continuou a visitar o seu túmulo e a orar debaixo da árvore, testemunha de tantas dores e alegrias.¹

¹ - GRIMM, Irmãos – *Gata Borracheira*. In *Contos Completos* – 1ª Ed. (2013) Círculo de Leitores e Temas e Debates. ISBN: 9789896442491
(Adaptação disponível em http://www.grimmstories.com/pt/grimm_contos/a_gata_borracheira_cinderela)

Contextualização histórica

Decorria a década de 60 do século XX, quando as histórias infantis atingem grande destaque como produto de massas, especialmente no público mais infante. Estes conhecidos produtos eram frequentemente utilizados como propaganda, para “doutrinar”. Não existia qualquer preconceito na utilização da censura ou da hegemonia, que segundo GRAMSCI, implicava um “bloco histórico” de partidos sociais dirigentes, que exerciam autoridade e liderança numa classe, que seria a subordinada, através de uma combinação de força e consentimento.²

Porém, estas histórias infantis já existiam antes, em várias versões e em diferentes contextos sociais e históricos. Tomando o caso presente, a história da *Cinderela* já era conhecida do público desde, possivelmente, o ano de 860 a.C.. Remonta à antiga China, era um conto que passava de geração em geração, contada oralmente, até que Tuan Ch'eng-shih decidiu escrevê-lo no seu livro “*Yuyang Tsatsu*”.³ Fazendo as suas alterações em 1697, Charles Perrault (1628 – 1703), considerado o *pai* deste novo género literário, o conto de fadas, criou o livro “*Cinderela*”⁴, com a versão mais conhecida pelo público, devido à sua adaptação ao cinema pela Walt Disney em 1950.

Contudo, este estudo baseia-se na versão dos irmãos Grimm, de 1812 (a 1ª edição contém ligeiras diferenças da 2ª edição) e 1815, sendo, portanto, posterior à de Charles Perrault. As divergências entre as versões são deveras visíveis, representando então a cultura de cada século e das diferentes civilizações.

Na sua essência, estes contos tinham sido construídos para o universo mais adulto, visto que muitos deles continham cenas de adultério, canibalismo, incesto, mortes, entre muitos outros aspetos negros pertencentes, se possível, ao imaginário. A passagem das narrações usualmente ocorria tanto na nobreza (nos seus grandes salões e casas de chá) como no povo (nos campos e nas aldeias).

É então possível enquadrar esta versão do conto num contexto histórico. O início do século XIX inaugura o tempo da História denominada de “contemporânea”. Era o começo de uma nova era, sem feudalismo, sem comércio colonial (visto que a maior parte das nações já não tinham as suas colónias), sem subjugação de outras civilizações, mas, sobretudo, com o aparecimento de uma nova “classe social”: a burguesia. Não fazia parte nem do clero nem da nobreza, porém a alta burguesia era igualmente poderosa e rica. Traziam novas ideologias consigo, como o iluminismo liberal e, na vertente literária, o Romantismo. Fácil de conjugar com as ideias liberalistas, a preocupação com a preservação do folclore, neste caso, com as lendas nacionais,

² - GRAMSCI, Antonio – *Escritos Políticos* – Disponível em <http://lutasocialista.com.br/livros/V%C1RIOS/GRAMSCI,%20A.%20Escritos%20Pol%EDticos,%20vol.%20I.pdf> (pags. 38 e 39)

³ - É possível ler a versão do conto chinês, através do link: <http://chines-classico.blogspot.pt/2007/07/contos-chineses-por-lin-yutang.html>

⁴ - É possível ler a versão do conto de Charles Perrault, através do link: <http://nonio.eses.pt/contos/perrault.htm>

começara a tornar-se algo importante, nunca antes presenciado, especialmente na Alemanha, de onde eram naturais os Irmãos Grimm.

O Romantismo caracteriza-se pela perseguição de liberdade, ou seja, o ideal de que a vida pode ser mudada. Esta nova forma de pensar destaca o sentimento, ainda que mórbido, representado muitas vezes por cemitérios e cenas noturnas na literatura, pois as paisagens tornam-se estados de alma. É recorrente nesta nova vertente o culto do herói, que no presente caso, será heroína, Cinderela, que conseguiu, por ser “muito boa e querida”, isto é, gloriosa, mudar a sua vida para algo melhor.

Para além disso, foi também no século XIX que o conceito de “família” se alterou. Antes, a criança era educada como um ser adulto, no seu envolvente rico e nobre, tendo apenas contacto afetivo com os criados e as amas, mas nunca com os pais. Essa barreira que atualmente consideramos impossível, rompeu-se, caindo, dando lugar a uma família mais unida e pequena, entre pais e filhos. Era uma “afeição necessária”, segundo ARIÈS, que se exprimia “através da importância que se passou a atribuir à educação”. Tratava-se de um sentimento totalmente novo, contraditório com o seu anterior, sendo que “os pais se interessavam pelos estudos dos seus filhos e os acompanhavam com uma solicitude habitual (...) outrora desconhecida.”⁵

Desta maneira, o Iluminismo enquanto movimento cultural e intelectual europeu fundamentava-se pelo uso da razão e da sua exaltação, sendo então um atributo pelo qual o Homem, o elemento mais importante do universo, aperfeiçoa a sua condição. O conhecimento, a liberdade e a felicidade eram a base para a realização do ser humano.

Assim, o tema principal deste movimento libertador era a emancipação – a descontinuação radical entre a ordem que precedia a História e a nova ordem a ser construída. Era o produto de duas Revoluções: a Francesa (1789 – 1799) e a Industrial (1760 – 1820/1840), ainda que esta última estivesse, todavia, inconclusiva.

⁵ ARIÈS, Philippe – *História Social da Criança e da Família* – págs. 11 e 12.

A influência do conto no mundo infantil

Para entender a influência dos contos infantis no mundo das crianças, é preciso primeiramente entender a sua cultura e o meio que as envolve. No entanto, a sua noção tem vários sentidos. WILLIAMS afirmava que “cultura” era uma das palavras com mais significados na língua inglesa, o que também ocorre na língua portuguesa. Desta maneira, pode significar a civilização de um país ou região, em termos de progresso espiritual e moral da humanidade em si, como também pode significar produto de uma atividade artística, seja em ideias ou algo tangível e concreto (por exemplo, a ópera ou um concerto). Para além disso, o termo “cultura” também pode levar à definição de WILLIAMS, “a particular way of life, whether of a people, a period, a group or humanity in general”⁶, isto é, uma forma de vida de uma determinada comunidade, traduzida pelos produtos de massas e folclore.

Estes produtos de massas eram o elo mais próximo da população às influências políticas e ideológicas, tendo a sua atuação na publicidade, mas também no cinema, na televisão ou na rádio. De facto, LEAVIS chegava até a atacar o próprio cinema, afirmando que “os filmes sujeitavam o espectador à recetividade hipnótica de apelos emocionais básicos”⁷, não o levando ao verdadeiro conhecimento.

É por esta razão que existe então, uma dicotomia entre a cultura de massas e a de folclore. É possível, inclusive, dizer que a primeira resulta de divulgação globalizada dos produtos que chegavam ao consumidor, enquanto a segunda, o folclore, era segundo MACDONALD, a expressão genuína da cultura popular, realizada para e por o povo, sem qualquer intenção comercial.⁸

Assim sendo, os contos infantis foram criados para transmitir uma moral, estando incluídos na cultura folclore. Esse ensinamento surgiria de um mau comportamento, isto é, simbolizava o que estava errado, encoberto por atos do imaginário, que deveria de ser melhorado e evitado. Estas histórias começavam a ser interpretadas como forma de educação, não apenas para passar o tempo, como era suposto serem até então. Transmitidos pelo povo, os contos chegavam à nobreza devido à influência das amas e governantas, que provinham do mesmo espaço dos contadores das histórias.

Mas por que razão se começa a contar contos às crianças, se até lá eram dirigidos aos adultos?

A partir do século XIX, com a inovação da medicina e da tecnologia, a diminuição da mortalidade infantil e o aumento da expectativa de vida fizeram com que o conceito social de infância se desenvolvesse, formando novas noções de família, criando uma nova estrutura de pensamento.

⁶ - WILLIAMS, Raymond - *Keywords: A Vocabulary of Culture and Society*, pág. 87.

⁷ - LEAVIS, Queenie Dorothy - *Fiction and the Reading Public*, pág. 154.

⁸ - MACDONALD, Dwight - *A Theory of Mass Culture* - In *Mass Culture: The Popular Arts in America*

Segundo WILLIAMS, as estruturas de pensamento são as “leis atuantes” numa “cultura comum”. São as atitudes e valores semelhantes que uma sociedade partilha entre si, de maneira a ter uma comunicação mais facilitada, encontrando certas formas idênticas de ver o mundo.

É por esta razão que a configuração social da criança entre os potenciais educadores e disciplinadores, seja a Igreja ou os pedagogos, tardou em chegar. Porém, a necessidade de educar bem as crianças surgiu. E com isto, a dúvida sobre como educá-las.

As crianças da nobreza deveriam de ter certos valores (ligados às estruturas de pensamento), a serem instituídos a partir do momento em que a criança começa a ter noção daquilo que a envolve. Esses valores, como a coragem, a inteligência, a paixão pela aventura, rapidamente encontraram uma maneira de serem transmitidos e exemplificados, criando modelos para essas crianças seguirem. Estes, que até então não existiam, só apareceram pela necessidade de formar novos comportamentos na corte, devido à quantidade de nobres que não sabiam o que fazer nem como reagir em sociedade. Surgiu então a exemplaridade.

Na história de Grimm, o facto de Cinderela apaixonar-se por um Príncipe não foi criado sem um propósito claro. O modelo do Príncipe era o exemplo a seguir, sendo que este tinha funções distintas. Por esta razão, ele tinha que se casar, pois prontamente se tornaria rei. Consequentemente era também, por esta razão, o escolhido para Cinderela, por ser a recompensa pela sua bondade e ingenuidade.

A elaboração de uma festa, embora pouco habitual como maneira de encontrar uma esposa para um futuro regente, apenas era uma das atividades recorrentes da nobreza, que passava grande parte da sua vida assim (“(...) *O rei anunciou a todo o reino que ia dar uma festa durante três dias para a qual estavam convidadas todas as jovens que queriam casar-se, a fim de que o príncipe herdeiro pudesse escolher a sua futura esposa.*”). Desta forma, as crianças da nobreza começavam a entender o seu papel no mundo, sendo que apesar de as atrativas e apelativas festas, o facto era que não era permitido que se casassem com as pessoas que amavam, tendo obrigações sociais. O Príncipe, como também mandava a vertente literária do séc. XIX, o Romantismo, ao ter escolhido alguém que não correspondia às expectativas iniciais (mesmo tendo em conta que Cinderela, na realidade, pertence à alta burguesia, tão poderosa e rica como a própria nobreza), dava uma nova esperança às crianças, indicando um novo rumo no seu futuro, até então, pouco promissor. Teriam de ser corajosas e audazes, para perseguir o que de verdade queriam. Esse era o novo ensinamento.

Por sua vez, o conto, quando visto pelos olhos da sociedade pouco favorecida, levava a outro tipo de perspectiva. O objetivo dessas pessoas era ascender socialmente, para ter mais dinheiro ou para, simplesmente, alcançar uma vida melhor. Por isso, o facto de Cinderela ter descendência da alta burguesia (“*Era uma vez um homem muito rico*”), mas ser tratada como uma plebeia (“*Ela será nossa empregada e terá que ganhar o pão com o seu trabalho diário.*”), faz com que a criança (especialmente as meninas) se reveja na personagem. Ela precisava de tratar de todos os afazeres que a rapariga do meio rural também teria de fazer. Por esta razão, no povo, o pensamento e conceito de família não tinha sofrido grandes alterações. Isto deve-se à sua condição socioeconómica. Todos os elementos da família precisavam de trabalhar para

conseguir o sustento e não morrer à fome. Assim, o desejo de ascender socialmente estava tão centrado no povo, que as próprias crianças se sentiam confortáveis, inclusive, para imaginar que tal acontecimento se realizava, tal como Cinderela sonhava em ir ao baile oferecido pelos reis.

Entre os vários valores que podemos extrair nestes contos, os sentimentos de pertença social, isto é, os de adesão a princípios e visões de mundo comuns à sua classe, através da exemplaridade, são os que mais predominam nesta literatura, tornando-as especiais.

Então, será por esta razão que as grandes questões da natureza humana são abordadas nos contos, não apenas devido à perspectiva do Romantismo, mas também porque era mais um exemplo do comportamento desejado, indicando que, na realidade, tal não acontecia. É por isso que a mãe da Cinderela morre, sendo que ela parece ser completamente irrelevante para a história. Desta maneira, mostra-se o tipo de comportamento que se considerava ideal para cada indivíduo em cada momento. A razão da existência da necessidade de ensinar às crianças a comportarem-se da maneira mais adequada é, pelo qual, fornecida. Apesar de Cinderela ser muito jovem, tem comportamentos de uma boa cristã adulta, conveniente na sociedade cristã alemã: *“A menina ia todos os dias para junto do túmulo da mãe chorar e regar a terra com suas lágrimas. E continuou boa e piedosa.”*

Pela mesma razão, GÓES⁹ afirma que “a presença do maravilhoso é fundamental num conto de fadas”, tornando os acontecimentos negros da vida mais toleráveis para as crianças. Assim, o Pai de Cinderela, que, como referido, consideramos um homem rico da alta burguesia, era visto como um bom pai, porque seria esse o tipo de comportamento expectável para a nova época. Porém, o que acontecia era totalmente o oposto, que, todavia, se pode verificar no conto: *“o seu pai casou-se com uma mulher ambiciosa e cruel que já tinha duas filhas parecidas com ela em tudo”*. A mulher era de tal maneira cruel que fez da filha do seu novo marido, sua empregada. O próprio Pai, também, não fez nada para evitá-lo.

Como tal, podemos afirmar que a religião era um dos pilares fundamentalistas da sociedade. Inclusive, reparamos nas falas da mãe e até do príncipe, que referem várias vezes “Deus”, pois, como religiosos exemplares, os seus comportamentos devem refletir a consciência social (“- O amor de Deus há de acompanhar-te sempre. / (...) - E dai graças a Deus por não ordenar que sejam castigadas.”).

⁹ - CAMPOS, Gleisy Vieira – *Entre o estético e o moral, a imaginação e a realidade: a literatura dos contos de fadas e seu carácter plurifuncional* – Artigo para a Universidade Federal de Uberlândia – MG – Brasil

O Papel da Censura

Tal como já tinha sido mencionado previamente, o conto da *Gata Borralheira* sofreu várias alterações ao longo do tempo. Primeiramente originária da Antiga China, remonta ao ano de 860 a.C., torna-se completamente diferente com a versão de Charles Perrault e com a dos Irmãos Grimm.

Com origem em histórias dedicadas exclusivamente a adultos, estes contos continham cenas de adultério, de canibalismo, de violência física e sexual, entre muitos outros, sendo descritos por SOUZA como histórias que narravam o destino dos homens, tanto nas suas dificuldades como nos seus sentimentos.

Assim sendo, uma das principais razões para a evolução dos contos terá sido a adaptação destes ao mundo infantil. Esta adaptação, apesar de tudo, apenas foi possível através da censura existente no séx. XIX, muito visível na passagem da primeira edição para a segunda do *Kinder- und Hausmärchen* (“Contos dos Irmãos Grimm”).

Por consequência, estes contos ainda continham alguns elementos negros ou frios, pouco próprios até para as crianças da época.

Desta maneira, analisando o conto dos Irmãos Grimm, desde a sua primeira edição até à atual, constata-se que certos aspetos foram modificados, de modo a não aterrorizar as crianças que se encontravam em pleno desenvolvimento social. Também podemos destacar a “Moral Vitoriana”¹⁰ aqui, sempre pertencente às estruturas de pensamento do século XIX, apesar de os contos terem a sua origem na Alemanha. Toda a Europa estava centrada nestes ideais, de uma maneira ou de outra.

O facto de não sabermos no texto, apresentado previamente, como termina a história para a Madrasta e as irmãs de Cinderela, torna-se um claro exemplo de censura. Na primeira edição dos contos de Jacob e Wilhelm Grimm, as irmãs terminavam percorrendo a igreja junto de Cinderela, chegando ao altar. Quando saíram, ainda acompanhando a sua irmã, dois pássaros amigos da, agora princesa, perfuram os olhos delas, deixando-as cegas. A moral da história, assim, ficava clara para todos: pratica o bem e terás boas recompensas. Se praticas o mal, serás castigado.

Porém, devido ao terror desse final, a história não foi imediatamente aceite. Para além disso, no século XIX os contos de fadas tinham de ter obrigatoriamente um final feliz. Assim, numa história que se lia no seio das famílias mais ricas da Alemanha, os Irmãos Grimm foram praticamente forçados a mudar o seu conto, para algo mais suave e delicado, conforme a própria personalidade da jovem. Por essa razão, na segunda edição, as irmãs e a Madrasta têm um final

¹⁰ - Provém do nome Vitória, alusivo à Rainha Vitória de Inglaterra, cujo reinado durou desde 1837 a 1901. Referente a um conjunto de valores que engloba a restrição sexual, a pouca tolerância para o crime e um código social de conduta pública muito rigoroso. Estes valores espalharam-se pelo mundo, devido à proeminência do Império Britânico.

completamente diferente. Após tornar-se rainha, Cinderela chama a sua família à corte e casa as suas irmãs com um nobre rico, de maneira a provar que tudo tinha sido esquecido e que ela ainda as ama.

Conforme as edições foram saindo, a versão original foi-se perdendo, dando lugar ao conto que conhecemos hoje. Outras versões da história também sofreram com a censura. Por exemplo, Cinderela, numa das histórias, fugiu para não se casar com o próprio pai, que queria casar com a mulher que tinha o pé mais perfeito (que correspondia ao da própria filha). Noutras, a jovem não queria casar-se com ninguém, mas apenas ser livre e independente, fugindo de sua casa para ir apenas ao baile. Existe até uma outra versão, onde a rapariga faz um pacto com o próprio Diabo, que lhe fornecia as roupas para o baile, trocando a sua alma por elas, em vez de ser ajudada pelos animais da floresta.

MARX defendia que “não é a consciência do homem que determina o seu ser, mas sim o seu ser social que determina a sua consciência”.¹¹ Por esta razão, os contos foram tão influenciados e censurados, pois a cultura que envolve o ser, enquanto ser social, muda consoante as estruturas de pensamento que existem no momento. Esta definição da construção social de identidade leva-nos a acreditar que se o conto não era aceite com a sua forma final que primeiramente estava definida, significava que as estruturas de pensamento estavam a mudar, de uma maneira muito subtil. Assim, seguindo as regras da literatura romântica, a *Gata Borralheira* teve o seu final apreciado e desejado, terminando apenas no momento em que o príncipe encontra o seu par.

¹¹ - MARX, Karl – *A Contribution to the Critique of Political Economy*

Relações de poder e estereótipos

Os contos de fadas são criados tendo por base os comportamentos da população, assim como os desejos destas. Por isso, é possível analisar a construção ideológica tanto dos personagens como da própria história, deparando-nos com estereótipos significativos.

Em primeiro lugar, é possível até falar da própria personagem principal: Cinderela. O arquétipo imaginativo da princesa é igual a todas as outras histórias, onde encontramos uma rapariga linda, de cabelos longos e loiros, de olhos azuis, corpo esbelto, altura média... Claramente é o protótipo da raça ariana. Porém, não existe qualquer indicação no conto dos Grimm da beleza desta, nem das suas características físicas. Então, porque é que assumimos que ela é assim?

Os estereótipos são representações que reduzem os indivíduos a um conjunto de traços característicos que, geralmente, são exagerados e negativos, que operam através do que chamamos de poder simbólico. Isto implica que uma determinada estrutura de pensamento tenha sempre implicações políticas, práticas, concretas e reais. SAID afirmava inclusive, que as “próprias nações são narrativas”¹², pelo que o poder de narrar (ou não o fazer), leva à apropriação da cultura à identidade. Assim, esse conjunto inerente de características, que pertencem a um determinado grupo (por oposição a outro), destacam-se também nos estereótipos, tornando-se reconhecíveis.

Esta perspetiva essencialista mostra-nos a razão de considerarmos as características referidas anteriormente como as “dignas” para Cinderela. Afinal, geralmente a representação do bem é feita precisamente dessa forma: as pessoas boas apresentam cabelos longos, olhos claros, são muito brancas, bondosas e, no fundo, perfeitas. Em contrapartida, as pessoas más são feias, deselegantes, com personalidade negativa e arrogante, isto é, horríveis.

Desta maneira, também podemos imaginar a Madrasta e as irmãs como pessoas feias, vis, pois a sua personalidade remete-nos imediatamente para isso, realçando mais uma vez a ideia imperialista de estética vs ética e de superioridade/civilizado vs inferioridade/selvagem.

Em segundo lugar, destaca-se os personagens masculinos nesta história, representados pelo Pai e pelo Príncipe. Estes personagens que protagonizam o universo masculino, em situações de tensão tendem a solucionar os seus problemas pela força. No momento em que Cinderela desaparece, o Príncipe, sentindo-se inútil, nada mais faz do que esperar pelo homem da casa, o Pai. Este, perante o seu problema, decide procurar força no seu machado, pois o homem, ao ser o elemento central da sociedade, não pode precisar de mais ninguém, a não ser de si e dos seus instrumentos (“*O pai pediu então um machado, com que deitou a árvore abaixo, mas não estava lá ninguém*”).

¹² - SAID, Edward – *Orientalismo: Representações Ocidentais do Oriente*.

O poder inquestionável do Pai e do Príncipe, para além de provir da sua hierarquia, provém também da sua condição nesta sociedade, pois são homens. A Rainha também tem o mesmo estatuto que o Rei, porém, nem toma um papel importante, nem sequer aparece na história.

Porém, é claro em todas as versões que o Príncipe, por exemplo, não é capaz, sequer, de agir e pensar por si próprio. Precisa sempre da ajuda de outros seres, as pombas, para entender que não leva a noiva certa para casar, sendo completamente manipulado pelas mulheres (“- Olha para o pé da donzela e verás que o sapato não é dela... / *O príncipe desmontou e tirou-lhe o sapato. E ao ver como o pé estava roxo e inchado, percebeu que tinha sido enganado.*”).

Outro dos casos que podemos realçar é o casamento entre diferentes classes sociais. Atualmente, ainda podemos fazer uma comparação com os programas de televisão que assistimos. Em quase todas as vezes é o homem rico que casa com a mulher pobre, nunca o oposto. Isto deve-se à mesma razão que encontramos na história da Cinderela. Os homens, com estatuto superior, não descem na sua hierarquia, nem perdem o seu estatuto se casarem com uma mulher “inferior”. No entanto, as mulheres sim.

Na perspetiva de WEEKS, “identity is about belonging, about what you have in common with some people and what differentiates you from others.”¹³ Ao sermos capazes de atribuir um estilo ou um marcador simbólico, seja ele físico ou psicológico, às personagens, estamos a categorizar uma identidade, que reconhecemos por exemplo, a partir do vestuário. No caso, admitimos que a Madrasta é de facto, burguesa, assim como o Pai de Cinderela, porque para além de ela ser rica, consegue infiltrar-se e ter propostas de comparência no baile, providenciado pelo próprio Rei, com o intuito de casar o filho, Príncipe. Nem todas as famílias tinham a oportunidade para irem a esses eventos, muito menos de serem convidadas para tal.

¹³ - WEEKS, Jeffrey – *The value of Difference* – In *Identity: Community, Culture, Difference* – Pág. 88.
 (“Identidade é sobre pertencer, sobre o que se tem em comum com algumas pessoas e o que as diferencia das outras”)

A interculturalidade em “Cinderela”

Tal como já tinha sido mencionado anteriormente, o conto da *Gata Borralheira* está repleto de conteúdos interculturais, devido às variadas versões que foram apresentadas ao longo do tempo.

A mistura de culturas completamente diferentes leva a resquícios que podem ser ainda visualizados em todas as versões. Um dos aspetos, provavelmente, mais importantes da história, não foi alterado para nenhuma língua.

Cinderela tinha um pé pequeno e perfeito, de tal modo, que era capaz de ser reconhecida por ele. O símbolo do pé, porém, não foi escolhido arbitrariamente. Previamente tinha referido que uma das versões mais antigas deste conto remota à antiga China. Seguindo as suas tradições, as famílias de alto estatuto chinesas tinham por costume amarrar os pés das meninas, desde o seu nascimento, de modo a ficarem com eles pequenos e, conseqüentemente, deformados. Nessa altura, quanto mais pequeno o pé era, mais bonito se apresentava, mais hipótese tinha a menina de se casar. Mas, sobretudo, significava que a rapariga provinha de uma família de grandes posses e muitos títulos.

Desta maneira, apesar de Cinderela não provir de uma família nobre, ela tinha os pés mais pequenos, portanto, os mais belos do reino, o que indicava que ela era a pessoa ideal e perfeita para casar com um príncipe. Legitimamente, seria ela a “escolhida”, por causa dos pés.

Assim, a influência da cultura chinesa determinou o destino de Cinderela em todo o mundo. Mesmo não entendendo a razão para ela ter perdido o sapato e ser descoberta pelo seu pé, único, perfeito, o facto é que isto foi bem aceite pela sociedade, tornando-se num dos símbolos mais característicos da história.

CLIFFORD referiu que existem conceitos muito abrangentes, comparativos e abertos como o da própria *interculturalidade* que levam a traduções construídas a partir de equivalências imperfeitas¹⁴. Assim, porque as identidades não são fixas, porque os territórios culturais proporcionam encontros e diálogos complexos e difíceis, não existe uma solução de consenso nem de valor universal, deixando apenas mais tradução. Desta maneira, a fusão das culturas conduziu a um produto novo, o conto da *Gata Borralheira*.

¹⁴ - CLIFFORD, James – *Routes: Travel and Translation in the Late Twentieth Century* – Pág. 13.

Conclusão

Com a realização do presente trabalho consegui entender que a verdadeira história da *Gata Borralheira* não existe. Na verdade, é todo um aglomerar de histórias de diferentes culturas que permitiram a existência do conto que conhecemos atualmente.

Todo o seu interculturalismo vem de diferentes épocas e regiões, completamente distintas, permitindo que a história evolua com o tempo, tanto a nível da narração como da própria personalidade da Cinderela. Passa de jovem com vontade de ser livre e rebelde, a boa e com um coração caridoso, totalmente de acordo com os ideais religiosos da Europa do séc. XIX.

Desta maneira, o resultado do estudo das áreas apresentadas na disciplina de Estudos Interculturais, culminou neste trabalho, no qual percebi que de facto, todos somos influenciados pela cultura em que vivemos. As nossas estruturas de pensamento são realizadas de acordo com os produtos com que temos contacto, sejam de massas ou eruditos. Por isso, é o que nos distingue dos que estão isolados do mundo, os “selvagens”, pouco cultos ou até mesmo analfabetos, dos “civilizados”. Claramente, o mesmo acontece com a cultura e os seus produtos.

Assim, confesso aberta consciencialização ao mundo que me envolve, pois as opiniões que posso formar agora estão, de certa forma, mais claras e especialmente mais desenvolvidas.

Referências Bibliográficas

GRIMM, Irmãos – *Gata Borralheira*. In *Contos Completos* – 1ª Ed. – Círculo de Leitores e Temas e Debates, 2013. ISBN: 9789896442491

PERRAULT, Charles – *Cinderela* – 6ª Ed. – Gato na Lua, 2012. ISBN: 9789899732650

GRAMSCI, António – *Escritos Políticos* – 1ª Ed. – Civilização Brasileira (Google Books), 2004. ISBN: 9788520006665

ARIÈS, Philippe – *História Social da Criança e da Família* – 2ª Ed. – Editora Livros Técnicos e científicos (Google Books), 1981. ISBN: 9788521610793

WILLIAMS, Raymond – *Keywords: A Vocabulary of Culture and Society* – Fontana Paperbacks, 1983 – PDF disponível: <https://tavaana.org/sites/default/files/raymond-williams-keywords.pdf>

LEAVIS, Queenie Dorothy - *Fiction and the Reading Public* – Russell & Russell, 1965 (Google Books)

MACDONALD, Dwight – *A Theory of Mass Culture* – In *Mass Culture: The Popular Arts in America* – New York: MacMillan, 1957 – B. ROSENBERG e D. Manning WHITE – Versão PDF disponível: <https://is.muni.cz/el/1421/jaro2008/ESB032/um/5136660/MacDonald - A Theory of Mass Culture.pdf>

MARX, Karl – *A Contribution to the Critique of Political Economy* – In *Marx/Engels: Selected Works in One Volume* – Reimpressão 2011 – Nabu Press. ISBN: 9781178736793

CAMPOS, Gleisy Vieira – *Entre o estético e o moral, a imaginação e a realidade: a literatura dos contos de fadas e seu carácter plurifuncional* – Artigo para a Universidade Federal de Uberlândia – MG – Brasil

AZEVEDO, Fernando – Os contos dos Irmãos Grimm e o seu poder questionador (2004) – Álabe 9. Disponível em: www.revistaalabe.com

SAID, Edward – *Orientalismo: Representações Ocidentais do Oriente* – Lisboa: Livros Cotovia, 2004. ISBN: 9789727950706

WEEKS, Jeffrey – *The value of Difference* – In *Identity: Community, Culture, Difference* – Jonathan Rutherford – Londres: Lawrence and Wishart, 1990 – PDF disponível: <https://muse.jhu.edu/book/34784>

CLIFFORD, James – *Routes: Travel and Translation in the Late Twentieth Century* – Cambridge and London: Harvard University Press, 1999 – ISBN: 9780674779617

TUCKER, Elizabeth – *Children's Folklore: a handbook* – Greenwood Publishing Group, 2008. ISBN: 9780313341892

MORGADO, Margarida – *As diferenças que nos unem: literatura infantil e interculturalidade* (2010) – Álabe 1. Disponível em: <http://www.ual.es/alabe>

http://www.grimmstories.com/pt/grimm_contos/a_gata_borralheira_cinderela

<http://nonio.eses.pt/contos/perrault.htm>

<http://chines-classico.blogspot.pt/2007/07/contos-chineses-por-lin-yutang.html>

<http://www.cafecomjung.com/contos/>

<https://books.google.pt/books?id=WxwAcwAAQBAJ&pg=PA1516&lpg=PA1516&dq=Lydia+Jean+sobre+as+hist%C3%B3rias+de+Grimm&source=bl&ots=VZF7oPzWXS&sig=5gxyMvT97938S4PhuZy0F7Y1xL4&hl=pt-PT&sa=X&ved=0ahUKEwi0y8GluuzQAhXH1RQKHcu8DhIQ6AEIOjAF#v=onepage&q=Lydia%20Jean%20sobre%20as%20hist%C3%B3rias%20de%20Grimm&f=false>

<http://documents.tips/documents/aries-philippe-historia-social-da-crianca-e-da-familia.html#>

<http://www.imdb.com/title/tt0042332/>

<http://super.abril.com.br/cultura/a-verdadeira-moral-da-historia/>

<https://criancasatortoeadireitos.wordpress.com/tag/contos-infantis/>

<http://literatorura.com/2015/09/5-historias-originais-de-contos-de-fada-bem-mais-macabras-do-que-se-imagina/>

<http://seguindopassoshistoria.blogspot.pt/2011/02/realidade-dos-contos-de-fadas-uma.html>

<http://www.psicologiamsn.com/2015/01/cinderela-analise-da-psicologia-feminina.html>

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682009000200009

<http://seer3.fapa.com.br/index.php/arquivos/article/viewFile/36/29>

<http://diariodebiologia.com/2014/06/pes-de-lotus-mulheres-chinesas-que-eram-obrigadas-a-ter-o-pe-com-no-maximo-10-centimetros/>

<https://pt.scribd.com/document/32272470/Contos-de-Fadas-de-sua-origem-a-clinica-contemporanea>

Outros links utilizados:

<http://www.wikipedia.org>

<http://www.infopedia.pt>

<http://www.priberam.pt/DLPO/>